

*Journal of Ancient Philosophy Vol. IV 2010 Issue 2*

ARISTÓTELES. *Física I e II*. Prefácio, tradução, introdução e comentários: Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009.

O texto apresentado por Lucas Angioni consiste na tradução, do grego clássico para o português, dos dois primeiros livros da *Física* de Aristóteles. É o resultado de um trabalho árduo e cauteloso. Desde 1999<sup>1</sup>, quando publicou uma primeira edição experimental, o autor vem submetendo sua tradução à crítica acadêmica no Brasil. Naquela data já previa uma edição amadurecida; de fato, publicou uma segunda versão experimental, e, finalmente, nesta terceira edição, da qual hoje podemos usufruir, visualizamos o resultado de uma discussão de Lucas Angioni com vários interlocutores e consigo mesmo.

A tradução é acompanhada de um *Prefácio*, de uma *Introdução Geral* e de *Comentários*, perfazendo, o livro completo, um total de 415 páginas. Nos comentários, além de justificar as soluções encontradas para a passagem do grego ao português, apoiando-se em críticos clássicos e contemporâneos, travando uma profícua discussão com outros leitores da *Física* de Aristóteles, Angioni situa o leitor em relação à estrutura da *Física*, apresentando, no início de cada capítulo, um resumo do conteúdo exposto pelo Estagirita. O tradutor também procura mostrar como se vinculam as reflexões feitas no contexto da *Física* e os problemas mais gerais da filosofia de Aristóteles, especialmente os temas da *Metafísica*; há, além disso, em muitos momentos dos comentários, uma postura teórica marcadamente voltada para uma comparação com os textos do *Organon*. Para o tradutor, Aristóteles, nos dois primeiros livros da *Física*, fixa o objeto e o método adequado de estudo da natureza, mantendo similaridade entre a noção de conhecimento científico da *Física* e o sentido de ciência apresentado em *Segundos Analíticos*. (cf. p. 65).

---

<sup>1</sup> No Prefácio a esta edição, Lucas Angioni afirma que foram publicadas pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp duas edições de sua tradução: uma em 1999 e uma em 2002.

Na *Introdução Geral*, Angioni faz uma exposição sobre o conteúdo dos dois primeiros livros da *Física* e exprime sua convicção de que entre estes há uma clara sistematicidade e continuidade argumentativa (cf. p. 11). Vale a pena recuperar alguns momentos dessa introdução e observar como o tradutor explicita sua visão a respeito da obra de Aristóteles. Angioni, inicialmente, na *Introdução Geral*, ocupa-se com uma apresentação dos principais passos dados em *Física I*; findo seu resumo de *Física I*, diz que Aristóteles, ali, “...dedicou-se apenas a refutar o eleatismo e a provar, pela análise das formas de linguagem e pela discussão das opiniões dos predecessores, que o *devir no mundo da natureza pode ser descrito de modo inteligível*.” (p.13). Para Angioni, Aristóteles procura, em *Física I - II*, apresentar uma teoria satisfatória sobre os entes naturais e o devir, mas apenas no segundo livro sua pretensão chega ao bom termo, pois é nele que o objeto e o método de estudo da natureza são claramente demarcados.

Visando expor o método e o objeto de estudo da ciência da natureza, Aristóteles, no livro II da *Física*, segundo Angioni, dá os seguintes passos: Em *Física III* apresentam-se os critérios para delimitar o domínio dos entes naturais. Define-se a noção de natureza em contraste com a noção de técnica. Assim, natureza é “princípio interno de movimento/ou repouso...” (p.13). Há uma discussão com adversários segundo os quais “os princípios que mereceriam ser designados como ‘natureza’ seriam os elementos inerentes em cada ente” (p.13). Contra tais adversários há a defesa de que natureza diz-se de dois modos: forma e matéria. Entre estes modos, forma tem primazia. Há, ainda, no primeiro capítulo, uma análise das condições de aplicação das expressões “conforme à arte” e “conforme à natureza”, “artificial”, “natural”; há uma defesa da primazia da efetividade sobre a potência, pois forma, e não matéria, é capaz de se reproduzir.

Em *Física II2*, o objetivo é determinar o método das ciências da natureza, e para isto percorrem-se etapas como: distinção entre as ciências matemáticas e as ciências da natureza; questionamento a respeito de se a ciência da natureza deve considerar os dois princípios de movimento reconhecidos como natureza - forma e matéria; confronto com fisiólogos (que defendiam matéria) e com platônicos (que defendiam forma). Descartam-se as duas alternativas e defende-se “o ‘achatado’ (*simon*), não o ‘curvo’ (*kampylon*), como modelo de definição no domínio das ciências

naturais” (p.14) Aristóteles ainda precisa explicar, comenta Angioni, os nexos lógicos e explanatórios entre a forma e a matéria.

Os demais capítulos do livro II, na opinião de Angioni, “introduzem importantes elementos para a resolução do problema do hilemorfismo” (p.16). O capítulo 3 discerne as quatro causas. Nos capítulos 4-6 há uma reflexão sobre o acaso e a espontaneidade, “tipo de causalidade em que há mera conjunção concomitante entre várias séries causais independentes entre si.” (p.17). A reflexão feita por Aristóteles neste contexto busca, segundo Angioni, explicar como se concatenam, para resultar nos entes naturais, as diversas séries causais oriundas da “necessidade bruta” dos elementos materiais e alcança a seguinte resposta: “essa concatenação é governada pela forma (como acabamento que busca manter sua efetividade), de acordo com a teleologia que se exprime na ‘necessidade por hipótese’” (p.17).

Em *Física II7* as quatro causas são ditas objeto da ciência da natureza. Três delas coincidem com uma única (formal, final, eficiente). Há, na natureza, dois princípios de movimento: a matéria, cujos movimentos seguem a “necessidade sem mais”, e a forma, que segue a “necessidade sob hipótese”. O capítulo 8 é o momento em que se discute a alternativa adversária à de Aristóteles, ou seja, aquela que entende que a combinação casual dos movimentos necessários da matéria é suficiente para explicar os entes naturais.

Em *Física II9* apresenta-se uma solução final para o dilema entre a “necessidade sem mais” e a “necessidade sob hipótese”. O resumo e as explicações dados por Angioni para os temas desenvolvidos nesse capítulo podem ser assim parafraseados: Para Aristóteles, os elementos materiais são dotados de certas propriedades, e tais propriedades interferem nos movimentos dos seres naturais que de tais elementos se constituem, mas tais propriedades não são suficientes para determinar a constituição de um ser vivo, pois só forma é capaz, de modo preciso e não casualmente, de organizar a matéria na constituição de um ser natural. No ente natural, composto por tais elementos, os movimentos da matéria são preservados como *necessários sem mais*, mas são, sob o domínio da forma, necessários sob hipótese.

Angioni conclui seu resumo dos dois primeiros livros da *Física* reafirmando sua visão a respeito da questão da teleologia no pensamento do Estagirita. Mostra que é

possível ver na *Metafísica* a identificação entre o conceito de *ousia* e o conceito de *physis*, pois Aristóteles afirma: “A forma, assim concebida, é a *ousia* e a *physis* no sentido mais relevante do termo” (Meta. 1041b8,31 apud *Física I-II*, p. 18). Natureza/forma é, explica Lucas Angioni, a efetividade de um ente natural, por isso a relação entre matéria e forma deve ser entendida como a relação entre elemento constituinte e coisa constituída em seu todo. Por sua vez, explica o tradutor, cada elemento de uma determinada substância é, ele mesmo, substância, mas as propriedades que adquire para efetivar determinado ser vivo são-lhes acidentais. Como matéria dos seres vivos, os elementos constituem um todo, uma estrutura articulada de funções. Conclui Angioni: “É essa a configuração do hilemorfismo teleológico de Aristóteles que responde aos propósitos formulados no início da obra; delimitar as causas e os princípios pelos quais os entes naturais podem ser cientificamente conhecidos” (p.19).

Se a *Introdução Geral* oferece uma visualização do esqueleto de *Física I-II*, os *Comentários* (cf. p.65-406) são um poderoso guia para se fazer uma recomposição do corpo, da vida e do movimento desse texto. Visando oferecer uma pálida idéia da dinâmica de *Comentários*, a título de exemplo, serão aqui consideradas as reflexões feitas no *primeiro momento* de *Física III*. Neste contexto Angioni apresenta, inicialmente (retomando o esquema já exposto na *Introdução Geral*), o plano geral e o propósito do capítulo e segue com uma explanação sobre como o leitor contemporâneo poderia achar estranho o uso que Aristóteles fazia do termo natureza (*physis*). Para Angioni, ao contrário do que certa tradição defende, muito raramente encontra-se no vocabulário aristotélico o sentido de natureza que para nós é “o mais corriqueiro: ‘a mãe-natureza’, o conjunto de todos os seres naturais, o ambiente terrestre em seu todo, enquanto conjunto de seres naturais” (p.195).

Para esclarecer o sentido que Aristóteles dá ao termo *physis*, Angioni apresenta um resumo de *Metafísica V4*. O tradutor indica passagens da *Física* que se afinam com *Metafísica V4* e conclui que, entre os sentidos de *physis* neste texto apresentados, o mais compatível com o objeto da *Física* é o sentido (ii): “princípio de onde se dá o movimento primeiro em cada ente natural em si mesmo, enquanto ele é ele mesmo” (1014b18-20). O fato de o livro II da *Física* assumir como objeto de estudos o sentido (ii) de *physis* mostra, segundo Angioni, que Aristóteles pretende determinar qual desses

dois princípios – a forma e a matéria – tem primazia sobre o outro, bem como delimitar de que maneira eles se inter-relacionam de modo a resultar nos fenômenos que reconhecemos nos entes naturais” (p.196).

Nesse momento de sua exposição (cf. pp.196-7), Angioni afirma que *Física II* segue o programa proposto no início do livro I (“*delimitar as causas e princípios pelos quais se dá o conhecimento científico sobre a natureza.*” p.196) e acrescenta que na *Física* Aristóteles não explora diretamente ou não se compromete com certas questões que perpassam sua teoria da *ousia*. Segundo Angioni, na ontologia de Aristóteles deve-se considerar que “Assim como há certa identidade entre cada *substância* e sua respectiva *essência*, do mesmo modo há certa identidade entre cada ente natural e sua respectiva natureza.” (Grifo nosso, p. 196). Para o tradutor, tais questões são visíveis em contextos como, por exemplo, a *Metafísica* (livros centrais). De acordo com tais contextos, a forma, sendo um *telos*, seria, além de um princípio de organização dos movimentos, o acabamento, a garantia de efetividade; haveria identidade entre a forma e a coisa em seu todo. Angioni sugere que Aristóteles não desenvolve diretamente estas questões em *Física II* (cf. p.197).

Esclarecido o sentido de natureza e determinados certos limites da *Física* (principalmente em comparação com a *Metafísica*) nas reflexões sobre a *ousia*, Angioni vai a uma nova apresentação dos passos dados por Aristóteles em *III*. Essa retomada tem por objetivo mostrar que em 193b6-18 há a defesa de uma hierarquia entre os dois itens que são apresentados como natureza (forma e matéria), e que os argumentos desse contexto esboçam os contornos do hilemorfismo de Aristóteles. As razões para a primazia da forma em relação à matéria devem-se ao fato de a forma associar-se ao enunciado definatório de cada coisa, associar-se à efetividade; a matéria, por sua vez, associa-se à potência.

Feita a descrição dos passos dados por Aristóteles, Angioni repõe a questão do objeto de *Física II*, apresentando um conjunto de razões que comprovam que os motivos desse livro ajustam-se ao programa de estudos indicado no início da *Física* em 184<sup>a</sup>14-6: “saber quais são as causas, ou as inter-relações de causas, que explicam por que os entes naturais são como são.” (p.198). Ou, em outras palavras: “Assim, a questão para a qual o livro II da *Física* procura respostas é a seguinte: Qual é a exata inter-

*relação de causas pela qual os entes naturais são precisamente o que são e, por conseguinte, pela qual podemos conhecê-los cientificamente”* (p.198).

Em suma, Angioni, num primeiro momento de seus *Comentários à Física II*, esclarece os principais passos e os motivos de *Física III*, fixa o conceito de natureza, relacionado-o com outros contextos da obra do Estagirita, indica certas bases do hilemorfismo e relaciona tal sentido de hilemorfismo com questões mais gerais da ontologia de Aristóteles, especialmente o conceito de substância. Feito isto, passa a uma segunda etapa (esta, aqui, não será apresentada), passa a explicar, linha a linha, os argumentos em jogo e, para dar conta de tais argumentos, passa a justificar as suas soluções de tradução do grego clássico para o português. Este é, em regra, o percurso de *Comentários*.

*Física I-II*, traduzida do grego clássico por Angioni, resultou num texto em português que preserva a estrutura dos argumentos e a complexidade da discussão de Aristóteles. Respeita as regras do grego sem esquecer de adaptá-las às do português contemporâneo, avalia e procura agir coerentemente em relação a cada vocábulo traduzido. Não hesita, às vezes, em sugerir termos distintos em português para um único vocábulo grego, por considerar tal solução mais compatível com as intenções de Aristóteles. Pode-se observar, nas soluções dadas ao termo *ousia*, um exemplo do seu cuidado com o argumento. Angioni, em *Física I- II*, traduz *ousia* de dois modos: *substância* e *essência*.<sup>2</sup> Nas duas edições experimentais de *Física I-II*, para expressar *ousia* em português, sempre utilizou o termo *essência*. Os *Comentários* não justificam tal mudança de atitude, mas é possível, em geral, observar que nesta última edição de *Física I-II*, ao longo de toda a tradução, há um coerente emprego de *essência* e de *substância* para dois marcados sentidos de *ousia*. Tais sentidos são indicados pelo tradutor em seu livro intitulado *As noções aristotélicas de substância e essência*. Ali, afirma:

Aristóteles parece reconhecer dois usos do termo ‘*ousia*’: o uso que figura em sentenças como ‘este cavalo é uma *ousia*’ ‘Sócrates é *ousia*’, ‘plantas são *ousiai*’, e outro uso, que figura em sentenças como ‘alma é *ousia* do animal’, alma nutritiva é a *ousia* das plantas’. No primeiro sentido, a *ousia* pode ser definida (ainda que de modo apenas preliminar e intuitivo) como

---

<sup>2</sup> Pode-se ver isto em uma passagem dos *Comentários* já citada: “Assim como há certa identidade entre cada *substância* e sua respectiva *essência*, do mesmo modo há certa identidade entre cada ente natural e sua respectiva natureza.” (Grifo nosso, p. 196).

entidade auto-subsistente. No segundo, a *ousia* pode ser definida como causa pela qual uma entidade possui as propriedades que determinam o que ela é. (...) Podemos traduzir o primeiro sentido de ‘*ousia*’ por ‘substância’ e o segundo por ‘essência’.<sup>3</sup>

A complexidade do texto de Aristóteles exige, daquele que se propõe a traduzi-lo e apresentá-lo, a tomada de certas decisões que, de algum modo, sempre resultam em algumas dificuldades. No caso do termo *ousia*, muitos tradutores optaram, ao contrário da solução de Lucas Angioni, pela utilização de um único vocábulo, e eles têm razões para isso. Uma boa justificativa para a utilização de um único termo em português é, por exemplo, o fato de, em certas passagens de *Física I-II* (e, o que é mais grave, em vários outros textos do Estagirita), ser muito complicado decidir se Aristóteles está, através da palavra *ousia*, referindo-se a *ousia* como cada coisa (substância) ou como *ousia* de cada coisa (essência). Por outro lado, Lucas Angioni preocupa-se, em sua tradução, sobretudo com a clareza do argumento, e pode-se dizer que, se determinar estes dois sentidos de *ousia* através de termos diferentes em português gera, para algumas passagens, dificuldades para a compreensão do argumento, não esclarecê-los traz problemas ainda maiores.

Deve-se dizer, finalmente, que *Física I-II* é uma obra de extremo interesse para a pesquisa acadêmica em filosofia, apresentando uma competente tradução acrescida de *Comentários* que incluem vários momentos de uma refinada análise do pensamento de Aristóteles. É o resultado de um trabalho de pesquisa metódico no qual o autor transmite-nos um grande ensinamento: para traduzir um texto clássico de filosofia é preciso, além do conhecimento de português, de grego clássico, de filologia... agir filosoficamente.

Arlene Reis (UFSC)

---

<sup>3</sup> ANGIONI, L. *As noções aristotélicas de substância e essência*. Campinas. Ed. Unicamp. 2008. p.23-24.